

Abandono Escolar Precoce e Comportamento Anti-Social na Adolescência: Dados de um Estudo Empírico¹

Maria da Conceição Taborda-Simões*, António Castro Fonseca² & Maria da Conceição Lopes²

Resumo

O objectivo deste artigo era examinar o efeito do abandono escolar precoce sobre diversas formas de comportamento anti-social numa amostra de adolescentes portugueses. Os dados eram provenientes de um estudo longitudinal em curso há vários anos na Universidade de Coimbra. Os indivíduos que abandonaram a escola sem concluir o 9º ano ou antes dos 16 anos (desistentes) foram comparados com os que continuaram a estudar (persistentes), em várias medidas de comportamento anti-social. Os resultados dessas análises revelaram que os adolescentes que abandonaram precocemente a escola apresentavam mais formas de inadaptação, incluindo comportamentos e atitudes anti-sociais, do que os seus colegas na fase intermédia e na fase final da adolescência. Estes resultados são discutidos à luz das conclusões de trabalhos anteriores.

Palavras-chave: Abandono escolar; Comportamento anti-social; Adolescentes portugueses.

Introdução

O abandono escolar é geralmente encarado como um fenómeno nocivo para as sociedades industrializadas ocidentais, cujo progresso assenta em níveis de escolaridade cada vez mais elevados. As consequências negativas deste fenómeno são muitas e encontram-se bem documentadas em numerosos trabalhos recentes. Em particular, tem-se verificado que os adolescentes e jovens que abandonam a escola com poucas habilitações ocupam os empregos menos bem remunerados, caracterizam-se por

1 Trabalho realizado no âmbito do Projecto PTDC/PSI-PED/104849/2008

* Maria da Conceição Taborda- Simões faleceu quando este artigo se encontrava em fase final de revisão.

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Qualquer informação pode ser obtida através do e-mail: acfonseca@fpce.uc.pt

maiores dificuldades interpessoais, tendem a envolver-se, com mais frequência, em comportamentos desviantes, apresentam um nível de bem-estar ou de realização pessoal mais baixo e revelam índices mais elevados de psicopatologia. Mas os seus problemas vão, em geral, muito para além da esfera individual. De facto, os indivíduos sem qualificação académica ou profissional participam menos na vida das instituições (v.g. votar), encontram-se frequentemente numa situação de maior desvantagem social e são alvo de programas de treino ou de requalificação custosos e prolongados. Como notam Prevatt e Kelly (2003), referindo-se à população americana, “os efeitos negativos do abandono escolar na sociedade são extremos, incluindo o rendimento social mínimo, menos descontos para a segurança social, uma acentuada procura dos serviços sociais por esses indivíduos e padrões de saúde pobres nesse grupo” (p. 378).

Percebido como um desperdício de recursos e talentos, o abandono escolar tem vindo a merecer, em muitos países, uma atenção crescente tanto por parte das forças políticas de diferentes quadrantes interessadas em controlá-lo, como por parte dos investigadores de várias disciplinas apostados em compreendê-lo. O número de estudos levados a cabo neste âmbito é já considerável e cobre uma grande variedade de tópicos: prevalências, factores de risco e de protecção, trajectórias do desenvolvimento, modelos teóricos e programas de intervenção. Estreitamente associada a este esforço anda a ideia de que só um melhor conhecimento das causas do abandono escolar e dos seus factores de risco poderá conduzir à preparação de programas de intervenção (preventiva ou remediativa) mais adequados ou eficazes.

Muitos dos estudos sobre essas questões têm incidido sobre a relação entre abandono escolar e delinquência, mas os resultados nem sempre permitiram retirar conclusões consistentes e definitivas. Assim, alguns apoiam a hipótese de que o abandono escolar aumenta os riscos de delinquência juvenil ou outras formas de conduta desviante; outros apoiam a hipótese oposta, ou seja, os comportamentos anti-sociais e o consumo de droga contribuem para o abandono escolar; outros ainda não encontram nenhuma relação significativa entre os dois fenómenos; e, por último, há os que vêem o comportamento anti-social e o abandono escolar como duas manifestações diferentes de uma mesma tendência desviante subjacente, a qual poderá adoptar, segundo as circunstâncias, expressões muito variadas (Drapela, 2005). Importa, no entanto, salientar que mesmo havendo casos em que taxas de delinquência elevadas se associam ao abandono da escola, isso não significa que exista entre os dois fenómenos uma relação causal (Fagan & Pabon, 1990). É que, como nota Jarjoura (1993), a delinquência pode resultar de outros factores de risco anteriores que sejam comuns aos referidos fenómenos. Além disso, esse

efeito pode variar também em função do tipo de abandono escolar ou da natureza do motivo que levou o jovem a desistir da escola. Equivale a isto dizer que, apesar dos numerosos estudos já realizados sobre o abandono escolar e o comportamento anti-social, falta ainda uma investigação exaustiva acerca da sua relação mútua e um esforço de integração dos diferentes modelos ou explicações até agora disponíveis. O objectivo do presente trabalho é precisamente o de aprofundar o conhecimento sobre os efeitos do abandono escolar em posteriores manifestações de delinquência juvenil. Utilizando dados de um estudo longitudinal em curso na região de Coimbra, compararam-se, em diversos domínios importantes, adolescentes e jovens que abandonaram os estudos sem concluir o 9º ano (ou seja, a escolaridade obrigatória) com os que prosseguiram os estudos para além desse nível. Espera-se que o facto de se terem comparado repetidamente estes dois grupos, numa grande variedade de medidas relacionadas com o comportamento anti-social e com o abandono escolar, permita determinar, com maior rigor, se há algum efeito do primeiro no segundo (ou vice-versa), quando se controlam, ao mesmo tempo, eventuais efeitos de outros factores de risco importantes.

Metodologia

Sujeitos

Os dados analisados neste artigo referem-se a alunos que frequentavam, no ano lectivo de 1992/93, várias escolas públicas do Concelho de Coimbra (Simões, Ferreira, Fonseca & Rebelo, 1995). Na altura da primeira avaliação, 445 alunos encontravam-se no 2º ano (primeira coorte) e 448 no 4º ano (segunda coorte) do Ensino Básico e tinham, em média, 7 e 9 anos, respectivamente. Enquanto os primeiros foram avaliados mais três vezes, os segundos foram-no apenas mais uma vez, tendo a última avaliação ocorrido quando todos tinham em média 17-18 anos.

Esses alunos, que faziam parte de uma amostra mais vasta envolvendo uma outra coorte de alunos (6º ano), deveriam estar, caso tivessem seguido um percurso de escolaridade regular, a frequentar o 12º ano, na altura da última avaliação. No entanto, isso não se verificou com todos, pois alguns foram reprovando e outros abandonaram a escola (Taborda-Simões, Fonseca, Formosinho, Dias & Lopes, 2008).

Dado que nem sempre foi possível recolher informações completas acerca de todos os participantes em todas as medidas, o número de sujeitos não se mantém constante nas diversas análises estatísticas que a seguir se apresentam.

Instrumentos

Foram utilizados diversos instrumentos ao longo das sucessivas avaliações. Para efeitos do presente trabalho, é de mencionar o *Inventário de Problemas de Comportamento da Criança/Adolescente* (Achenbach, 1991) na sua versão para alunos (YSR - *Youth Self Report*). Igualmente de referir é a *Escala de Auto-avaliação dos Comportamentos Anti-Sociais* (SRA - *Self Report Antisocial Behavior*) de Loeber e colaboradores (1989; 1998). Descritos em publicações anteriores, estes instrumentos foram objecto de estudos com vista à sua adaptação para a população portuguesa (Fonseca & Monteiro, 1999; Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira & Cardoso, 1994; 1995a; 1995b), tendo as suas propriedades psicométricas sido consideradas satisfatórias.

Outras informações relevantes foram recolhidas através de uma lista de questões especificamente preparadas para o Estudo Longitudinal de Coimbra (Gregório, 2005). Alguns dessas questões foram adaptados da MASPAC - *Mesures de l'Adaptation Sociale et Personnelle pour les Adolescents Québécois* (Le Blanc, 1996). Trata-se de uma entrevista semi-estruturada que permite obter informações sobre áreas tão diversas como experiências na escola, relacionamento com colegas, saúde mental, estatuto sócio-económico, funcionamento da família, delinquência juvenil, rede de colegas, abandono escolar e experiência de adaptação ao trabalho, bem como sobre vários outros aspectos do funcionamento do indivíduo.

Procedimento

A estratégia adoptada na primeira avaliação, em 1992-1993, foi descrita, em pormenor, por Simões, Ferreira, Fonseca e Rebelo (1995) e, no essencial, implicou os passos seguintes: pedido das necessárias autorizações a pais e órgãos directivos das escolas; a presença de investigadores nas escolas para, nas turmas seleccionadas, administrarem as provas escolhidas; e a administração de diversas medidas aos alunos nas próprias salas de aulas. Embora sujeito a pequenas adaptações, este procedimento manteve-se idêntico nas avaliações subsequentes (Fonseca, Rebelo & Damião, 2006). No que se refere especificamente à última avaliação, quando vários alunos já tinham abandonado a escola, procurou-se o seu nome nas escolas da região e, em diversos casos, foi mesmo necessário pedir informações a antigos colegas, vizinhos, párcos ou presidentes das Juntas de Freguesia. Uma vez localizados, foram feitos novos pedidos de autorização aos pais, à escola e aos próprios jovens para se realizar a recolha de dados. Esta foi, para a maioria dos participantes, efectuada nas suas escolas, sendo as provas quase sempre aplicadas em pequenos grupos, em salas disponibilizadas para o efeito. No caso daqueles que, entretanto, abandonaram os estudos, a avaliação decorreu nas suas próprias casas ou noutros locais previamente combinados.

Resultados

No âmbito deste artigo, a amostra foi distribuída em dois grupos. O primeiro incluía os jovens que tinham abandonado a escola sem concluir o 9º ano (*desistentes*), enquanto o segundo incluía os que continuaram com os estudos (*persistentes*). A taxa de abandono escolar obtida foi de 18% para a primeira coorte e de 15,3% para a segunda coorte (Taborda, Fonseca, Formosinho, Dias & Lopes, 2008).

Os dois grupos foram depois comparados em diversas medidas de comportamento anti-social, consumo de droga, atitudes anti-sociais e falta de vinculação à escola, recorrendo-se para o efeito ao teste do qui-quadrado ou à análise de variância e de covariância. Os resultados são apresentados e discutidos separadamente, para cada uma das duas coortes.

Primeira Coorte

No Quadro 1, podem ver-se os resultados da comparação entre os alunos da primeira coorte que abandonaram a escola (*desistentes*) e os que nela continuaram (*persistentes*), em diversas medidas de comportamentos anti-sociais. Trata-se de resultados que traduzem informações recolhidas no ano anterior ao abandono escolar, ou seja, quando os alunos tinham 14-15 anos e estavam a participar na terceira avaliação.

Quadro 1: Comparação retrospectiva dos dois grupos aos 14-15 anos

Primeira Coorte	Grupos	N	M	DP	F	p	η^2																																												
Comportamentos anti-sociais (SRA)	D	69	6.68	6.58	21.952	< .001	.05																																												
	P	352	3.75	4.31				Problemas de externalização (YSR)	D	71	11.77	6.76	20.960	< .001	.05	P	353	8.20	5.88	Consumo de drogas	D	69	2.36	3.13	13.794	<.001	.03	P	351	1.26	2.03	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	70	6.64	4.40	6.765	.010	.03	P	353	5.26	4.00	Problemas com a policia	D		21,5%		$X^2(1)=13,74; p < .001$		
Problemas de externalização (YSR)	D	71	11.77	6.76	20.960	< .001	.05																																												
	P	353	8.20	5.88				Consumo de drogas	D	69	2.36	3.13	13.794	<.001	.03	P	351	1.26	2.03	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	70	6.64	4.40	6.765	.010	.03	P	353	5.26	4.00	Problemas com a policia	D		21,5%		$X^2(1)=13,74; p < .001$			P		7,75%									
Consumo de drogas	D	69	2.36	3.13	13.794	<.001	.03																																												
	P	351	1.26	2.03				Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	70	6.64	4.40	6.765	.010	.03	P	353	5.26	4.00	Problemas com a policia	D		21,5%		$X^2(1)=13,74; p < .001$			P		7,75%																					
Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	70	6.64	4.40	6.765	.010	.03																																												
	P	353	5.26	4.00				Problemas com a policia	D		21,5%		$X^2(1)=13,74; p < .001$			P		7,75%																																	
Problemas com a policia	D		21,5%		$X^2(1)=13,74; p < .001$																																														
	P		7,75%																																																

SRA= Self Report Antisocial Behaviour; YSR- Youth Self Report; P=Persistentes; D=Desistentes.

Conforme se pode verificar, os alunos que abandonaram a escola sem terem completado o 9º ano de escolaridade (*desistentes*) apresentavam pontuações mais elevadas do que aqueles que prosseguiram os estudos (*persistentes*) na *Escala de Auto-avaliação*

dos Comportamentos Anti-Sociais – SRA ($p < .001$). O mesmo se verifica, aliás, em relação aos problemas de externalização do *Youth Self-Report* – YSR, onde os alunos com abandono precoce obtêm pontuações igualmente mais elevadas, sendo as diferenças estatisticamente muito significativas ($p < .001$) entre os dois grupos.

Ainda com base no Quadro 1, torna-se possível concluir que *desistentes* e *persistentes* apresentam diferenças estatisticamente muito significativas nas variáveis consumo de drogas ($p < .001$) e atitudes favoráveis ao comportamento anti-social ($p = .01$), designadamente contra a escola, aparecendo os *desistentes* em ambos os casos como mais desajustados. Além disso, todas estas diferenças se mantinham quando, através de uma análise de covariância, eram controlados os efeitos do comportamento anti-social avaliados nas fases anteriores deste estudo, ou seja, aos 7-8 anos e aos 11-12 anos de idade, excepto nas atitudes favoráveis ao comportamento anti-social. Deve, no entanto, referir-se que embora as diferenças sejam significativas, a dimensão do efeito é pequena ($\eta^2 < .10$).

Finalmente, quanto aos problemas com a polícia, o teste do qui-quadrado revela que a diferença entre os dois grupos também é estatisticamente muito significativa ($p < .001$), sendo a percentagem de alunos *desistentes* que manifestam problemas com a polícia superior à dos colegas.

No conjunto, estas comparações mostram que os jovens que abandonam a escola precocemente já apresentavam mais problemas do que os seus pares que nela continuariam, em diversas medidas de comportamento desviante, no período que precedeu o abandono propriamente dito. À primeira vista, os dados sugerem que, nos meses que precederam a renúncia efectiva à escola, estes adolescentes (ou uma parte deles) estavam a passar por uma fase de inadaptação, a qual se traduzia frequentemente em agressões, consumo de droga e outras formas de conduta socialmente desajustadas.

Dada a natureza longitudinal deste estudo, foi possível comparar novamente os sujeitos dos dois grupos em diversas medidas do comportamento anti-social três anos mais tarde, ou seja, quando tinham, em média, 17-18 anos de idade e deveriam estar, se tivessem seguido um percurso escolar normal, no 12º ano de escolaridade. Os resultados dessas comparações (análise de variância e teste do qui-quadrado) estão resumidos no Quadro 2. Como por aí se pode ver, registaram-se diferenças estatisticamente significativas apenas num número restrito de medidas. Concretamente, verificou-se que os *desistentes* apresentavam scores mais elevados do que os seus colegas *persistentes* numa medida global de consumo de droga ($p < .001$) e nas atitudes anti-sociais ($p < .001$), sendo, no entanto, a dimensão do efeito pequena ($\eta^2 < .10$).

Quadro 2. Comparações dos dois grupos aos 17- 18 anos

Primeira coorte	Grupos	N	M	DP	F	p	η^2																																												
Comportamentos anti-sociais (SRA)	D	63	4.43	4.40	.466	.495	<.01																																												
	P	346	4.88	4.95				Problemas externalizantes (YSR)	D	63	9.59	5.55	2.662	.104	<.01	P	347	8.48	4.85	Consumo de drogas	D	63	5.17	3.42	12.666	< .001	.03	P	346	3.62	3.13	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	63	6.71	3.72	21.197	< .001	.05	P	348	4.55	3.37	Problemas com a polícia	D		29,1%		$X^2(1) = 18.461; p < .001$		
Problemas externalizantes (YSR)	D	63	9.59	5.55	2.662	.104	<.01																																												
	P	347	8.48	4.85				Consumo de drogas	D	63	5.17	3.42	12.666	< .001	.03	P	346	3.62	3.13	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	63	6.71	3.72	21.197	< .001	.05	P	348	4.55	3.37	Problemas com a polícia	D		29,1%		$X^2(1) = 18.461; p < .001$			P		10,7%									
Consumo de drogas	D	63	5.17	3.42	12.666	< .001	.03																																												
	P	346	3.62	3.13				Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	63	6.71	3.72	21.197	< .001	.05	P	348	4.55	3.37	Problemas com a polícia	D		29,1%		$X^2(1) = 18.461; p < .001$			P		10,7%																					
Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	63	6.71	3.72	21.197	< .001	.05																																												
	P	348	4.55	3.37				Problemas com a polícia	D		29,1%		$X^2(1) = 18.461; p < .001$			P		10,7%																																	
Problemas com a polícia	D		29,1%		$X^2(1) = 18.461; p < .001$																																														
	P		10,7%																																																

SRA= Self Report Antisocial Behaviour; YSR- Youth Self Report; P= Persistentes; D= Desistentes.

Verificou-se igualmente que estas diferenças se mantinham quando, através de uma análise de covariância, foram controlados os efeitos dos comportamentos anti-sociais referidos nos primeiros anos de escolaridade, ou seja, aos 7-8 anos e aos 11-12 anos de idade. Quanto aos problemas com a polícia, as diferenças que separam os dois grupos continuam a ser aos 17-18 anos muito significativas ($p < .001$).

Tais resultados sugerem que o abandono escolar precoce continua a exercer, três anos mais tarde, uma influência específica sobre certas formas de comportamento anti-social, mas a diferença entre os dois grupos é menos acentuada e extensa do que a que se observou no ano imediatamente anterior ao abandono escolar (cf. Quadro 1). Significará isto que o abandono escolar precoce tem um efeito positivo sobre esses jovens levando-os progressivamente a desistir do comportamento anti-social ou da delinquência?

Segunda Coorte

No Quadro 3 apresentam-se os principais resultados das mesmas comparações entre os *desistentes* e os *persistentes* da segunda coorte, aos 17-18 anos de idade. Ressalta da sua inspecção que, também nesta coorte, os *desistentes* apresentavam scores significativamente mais elevados do que os *persistentes* num pequeno número de medidas, a saber: problemas de externalização e atitudes anti-sociais ($p < .01$). Registe-se que a dimensão do efeito é de novo pequena ($\eta^2 < .10$). Além disso, as diferenças nestas variáveis mantinham-se estatisticamente significativas quando, através de uma análise de covariância, se controlou o efeito do comportamento anti-social anterior ao abandono escolar, ou seja, na primeira avaliação desta coorte, aos 9 anos de idade.

Quadro 3. Comparação entre alunos desistentes e persistentes aos 17-18 anos

	Grupos	N	M	DP	F	p	η^2																																												
Comportamento anti-social (SRA)	D	60	5.12	5.94	1.217	.271	<.01																																												
	P	352	4.45	4.00				Problemas externalizantes (YSR)	D	60	10.23	5.91	9.197	.003	.02	P	353	8.07	4.95	Consumo de drogas	D	60	3.97	4.05	2.127	.145	<.01	P	352	3.29	3.17	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	59	6.22	4.17	8.349	.004	.02	P	354	4.86	3.20	Problemas com a polícia	D		28,6%		$X^2(1) = 3.089; p < .079$		
Problemas externalizantes (YSR)	D	60	10.23	5.91	9.197	.003	.02																																												
	P	353	8.07	4.95				Consumo de drogas	D	60	3.97	4.05	2.127	.145	<.01	P	352	3.29	3.17	Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	59	6.22	4.17	8.349	.004	.02	P	354	4.86	3.20	Problemas com a polícia	D		28,6%		$X^2(1) = 3.089; p < .079$			P		19,0 %									
Consumo de drogas	D	60	3.97	4.05	2.127	.145	<.01																																												
	P	352	3.29	3.17				Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	59	6.22	4.17	8.349	.004	.02	P	354	4.86	3.20	Problemas com a polícia	D		28,6%		$X^2(1) = 3.089; p < .079$			P		19,0 %																					
Atitudes favoráveis ao comportamento anti-social	D	59	6.22	4.17	8.349	.004	.02																																												
	P	354	4.86	3.20				Problemas com a polícia	D		28,6%		$X^2(1) = 3.089; p < .079$			P		19,0 %																																	
Problemas com a polícia	D		28,6%		$X^2(1) = 3.089; p < .079$																																														
	P		19,0 %																																																

SRA= Self Report Antisocial Behaviour; YSR- Youth Self Report; P: Persistentes; D: Desistentes.

Uma vez que nesta segunda coorte não houve, como na primeira, uma avaliação aos 14-15 anos de idade, isto é, anterior ao abandono escolar, não foi possível traçar a evolução destas diferenças. Mas, com base nos resultados obtidos nas duas coortes aos 17-18 anos de idade, pode suspeitar-se que a evolução tenha sido muito semelhante à dos participantes da coorte mais jovem.

Discussão e Conclusões

Com este trabalho, pretendeu-se avaliar a relação entre abandono escolar e comportamentos anti-sociais numa amostra de adolescentes provenientes do concelho de Coimbra. Mais concretamente, procurou-se saber se existia um efeito específico do primeiro fenómeno sobre o segundo e se tal influência era duradoura.

Para tanto, foram utilizados dados de um estudo longitudinal em curso, desde há vários anos, sobre comportamentos anti-sociais e adaptação à escola, no decorrer do qual se aplicaram diversas medidas, muitas delas relativas a diversos factores de risco comuns ao comportamento anti-social e ao abandono escolar. Um número considerável destas medidas foi administrado antes dos participantes terem abandonado a escola.

O abandono escolar precoce foi operacionalizado como o facto de o aluno deixar a escola sem concluir o 9º ano de escolaridade ou antes dos 16 anos de idade. Por seu lado, a operacionalização dos comportamentos anti-sociais implicou o recurso a várias medidas de auto-avaliação, tais como agressão, consumo de droga (lícitas e ilícitas), problemas com a polícia e atitudes anti-sociais.

Os resultados das diversas comparações (baseadas no teste do qui-quadrado e em análises de variância e covariância) revelaram que os jovens com abandono escolar precoce apresentavam, cerca de três anos mais tarde, scores significativamente mais elevados do que os seus pares que continuaram a estudar, num número muito pequeno de medidas relacionadas com o comportamento anti-social, designadamente no consumo de droga, nos problemas com a polícia e nas atitudes anti-sociais. Tais resultados parecem estar de acordo com a posição de Thornberry, Moore & Christensen (1985) para quem o efeito do abandono escolar não desapareceria rapidamente depois da renúncia à escola, prolongando-se antes por vários anos. O facto de na coorte intermédia se obterem resultados semelhantes sugere que não se trata de um simples artefacto.

Uma outra conclusão, que deste estudo se pode retirar, é a de que os *desistentes* apresentam índices muito mais elevados de comportamento anti-social do que os *persistentes* no período imediatamente anterior ao abandono escolar. Este resultado era observável apenas na primeira coorte, a única para a qual essa informação foi recolhida. De facto, os resultados dessas comparações retrospectivas mostraram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (*desistentes* e *persistentes*) num leque mais vasto de comportamentos anti-sociais, aos 14-15 anos. E a maioria dessas diferenças continuava presente quando se controlavam os efeitos das variáveis relativas aos comportamentos anti-sociais utilizadas no primeiro e no segundo tempo de avaliação da mesma coorte (aos 9-10 anos e 17-18 anos).

No seu conjunto, os resultados das duas coortes apoiam a ideia de que a escola, através da frustração, stress e insucesso a que certos alunos aí se vêem expostos, contribui simultaneamente para o aumento do comportamento anti-social e do abandono escolar, na fase intermédia da adolescência. Mas, uma vez neutralizada essa experiência negativa através do próprio abandono escolar, as diferenças entre os dois grupos no domínio dos comportamentos anti-sociais tendem a diminuir. Uma tal interpretação parece estar, até certo ponto, de acordo com a posição defendida por Elliott & Voss (1974) e Elliott e colaboradores (1987), segundo a qual o abandono escolar se traduz, a breve trecho, numa redução de comportamentos anti-sociais e delinquentes, na medida em que, por esse meio, os jovens afastam-se das experiências de insucesso e dos consequentes sentimentos de frustração e de rejeição (por colegas e professores). Porém, esta posição não consegue explicar devidamente o facto de, em algumas medidas, os indivíduos com abandono escolar continuarem a apresentar mais problemas anti-sociais. Pelo menos para esses indivíduos, o abandono escolar continuaria associado, de maneira independente e significativa, a certas formas de conduta desviante. E nenhum dos modelos teóricos até agora propostos consegue fornecer uma explicação completa para esse fenómeno (Drapela, 2005).

Resumindo, os resultados do presente estudo sugerem que, na fase intermédia da adolescência, a escola pode contribuir para o abandono escolar e para o comportamento anti-social através das experiências negativas a que expõe certos alunos. Isso explicaria, por um lado, a forte associação entre estes dois fenómenos na altura em que certos alunos decidem renunciar aos estudos (aos 14-15 anos de idade) e, por outro lado, a diminuição desses problemas após o abandono da escola. Mesmo assim, o abandono escolar também passa a exercer um papel independente em futuras manifestações de comportamento anti-social.

Seria interessante analisar, através do acompanhamento dos mesmos indivíduos, se essa influência aumentará ou diminuirá, a médio e longo prazo (v.g. na idade adulta). E, do mesmo modo, valeria a pena examinar até que ponto essa influência poderá variar em função de outros factores (v.g. em função da idade em que o abandono acontece ou em função do motivo que está na sua origem). O esclarecimento destes pontos permitiria uma compreensão mais completa da relação entre abandono escolar e delinquência e, em última instância, tornaria possível o desenvolvimento de futuros programas de intervenção destinados a prevenir o abandono e o comportamento anti-social.

Bibliografia

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 Profile*. Burlington, V T.: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Achenbach, T. M. (1991a). *Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 Profile*. Burlington, V. T.: University of Vermont, Department of Psychiatry.
- Drapela, L. A. (2005). Does dropping out of high school cause deviant behavior? An analysis of the national education longitudinal study. *Deviant Behavior*, 26, 47-62.
- Elliott, D., Dunford, F. W. & Huizinga, D. (1987). The identification and prediction of career offenders utilizing self-reported and official data. In J. D. Burchard & S. N. Burchard (Eds.), *Prevention of delinquency behavior*. Newberry Park, C. A. Sage.
- Elliott, D. S. & Voss, H. L. (1974). *Delinquency and dropout*. Toronto: Lexington Books.
- Fagan, J. & Pabon, E. (1990). Contributions of delinquency and substance use to the school dropout among inner-city youths. *Youth and Society*, 21, 306-354.
- Fonseca, A. C. & Monteiro, M. C. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O Youth Self-Report de Achenbach. *Psychologica*, 21, 79-96.
- Fonseca, A. C., Rebelo, J. S. & Damião, M. H. (2006). *Relatório Científico: Projecto O desenvolvimento dos comportamentos anti-sociais: Factores de risco e factores de protecção* (POCTI/ 36532/PSI/ 2000). Relatório enviado à Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Fonseca, A. C., Simões, T. & Formosinho, M. D. (2000). Retenção escolar precoce e comportamentos anti-sociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2, 3), 323-340.

- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. (1995). A relação entre comportamentos anti-sociais e problemas de hiperactividade no ensino básico: Dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIX (3), 107-118.
- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. & Cardoso, F. (1994). Um inventário de competências sociais e de problemas de comportamento em crianças e adolescentes - O Child Behaviour Checklist de Achenbach (CBCL). *Psychologica*, 12, 55-78.
- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. & Cardoso, F. (1995a). Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos: Novos dados para a população portuguesa do ensino básico. *Psychologica*, 14, 39-57.
- Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. & Cardoso, F. (1995b). O inventário de comportamentos da criança para professores - Teacher Report Form (TRF). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIX (2), 81-102.
- Gregório, M. H. S. (2005). *Comportamento anti-social, saída prematura do ensino regular e trabalho: Um estudo exploratório*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (dissertação de Mestrado em Ciências da Educação).
- Henry, B., Caspi A. & Moffit T. E., Harrington H., & Silva, P. A. (1999). Staying in School Protects Boys with Poor Self-regulations in Childhood from Later Crime: A Longitudinal Study. *International Journal of Behavioral Development*, 23 (4), 1049-1073.
- Janosz, M. & Le Blanc, M. (2000). Abandono escolar na adolescência: Factores comuns e trajetórias múltiplas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2, 3), 341-403.
- Jarjoura, R. G. (1993). Does dropping out of high school enhance delinquent involvement? Results from a large-scale national probability sample. *Criminology*, 31, 149-172.
- Le Blanc, M. (1996). *MASPAQ: Mesures de l'adaptation sociale et personnelle pour les adolescents québécois. Manuel et guide d'utilisation (3^e ed.)*. Montréal: École de Psychoéducation.
- Loeber, R., Farrington, D. P., Stouthamer-Loeber, M. & Van Kammen, W. B. (1998). *Antisocial behaviour and mental health problems: Explanatory factors in childhood and adolescence*. London: LEA.
- Loeber, R., Stouthamer-Loeber, van Kammen, W. B. & Farrington, D. P. (1989). Development of a new measurement of self-reported and anti-social behavior for young children: Prevalence and reliability, in M. W. Klein, (Eds.), *Cross National Research an self-reported crime and delinquency*. Dordrech: Kluwer-Nijhoff.
- Prevatt, F. & Kelly, F. D. (2003). Dropping out of school: A review of intervention programs. *Journal of School Psychology*, 41, 377-395.
- Rebelo, J. A. (1998). Dificuldades de aprendizagem em matemática: As suas relações com problemas emocionais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXII (2), 227-249.
- Simões, M. C. T., Formosinho M. D. & Fonseca, A. C. (2000). Efeitos do contexto escolar em crianças e adolescentes: Insucesso e comportamentos anti-sociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2, 3), 405-436.
- Simões, M. C. T., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Dias, V. & Lopes, M. C. (2008). Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42 (1), 135-161.
- Simões, M. C. T., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Rebelo, J. A. & Ferreira, A. G. (2000). Comportamento anti-social e problemas emocionais: Dados de uma comparação entre alunos do ensino público e do ensino privado. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2, 3), 437-453.

- Simões, M. C. T., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Ferreira, A. G., Pires, C. M. & Gregório, H. (1998). A retenção dos alunos no ensino básico: Suas dimensões e suas consequências a nível escolar e a nível emocional. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXII (2), 209-225.
- Simões, A., Ferreira, J. A., Fonseca, A. C. & Rebelo, J. A. (1995). Um estudo dos distúrbios do comportamento e dificuldades de aprendizagem no ensino básico: Opções metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIX (3), 55-68.
- Simões, A., Fonseca, A. C., Rebelo, J. A., Ferreira, A. G., Sanches, M. F., Pires, C. L. & Gregório, M. H. (1998). A retenção dos alunos no ensino básico: suas dimensões e suas consequências a nível escolar e a nível emocional. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXII (2), 209-226.
- Thornberry, T. P., Moore, M. & Christensen, R. L. (1985). The effect of dropping out of high school on subsequent criminal behavior. *Criminology*, 23, 3-18.

Résumé

Cette étude vise à examiner l'effet de l'abandon scolaire précoce sur plusieurs formes de comportements antisociaux d'un échantillon représentatif d'adolescents portugais. Les données proviennent d'une étude longitudinale en cours depuis plusieurs années à Coimbra. Les adolescents qui ont quitté l'école sans terminer la neuvième année ou avant l'âge de 16 ans (décrocheurs) ont été comparés à travers plusieurs mesures d'évaluation avec ceux qui ont continué à aller à l'école (non-décrocheurs).

L'analyse statistique de ces données a révélé que l'abandon scolaire précoce paraît être associé à diverses formes d'inadaptation, y compris des comportements et des attitudes antisociaux, qui se manifestent entre le milieu et la fin de l'adolescence. Ces résultats sont examinés à la lumière des recherches précédentes dans ce domaine.

Mots-clés: Abandon scolaire; Conduite antisociale; Adolescents portugais.

Abstract

This paper aimed at examining the effect of early school drop out in several forms of antisocial behaviour in a large sample of Portuguese adolescents. The data came from a longitudinal study ongoing for several years in Coimbra. Adolescents who left school without finishing the 9th grade or before the age of 16 (desisters) were compared with their peers who continued at school (persisters) in several measures.

The statistical analysis of these data revealed that early school dropout appeared associated with various forms of maladjustment, including antisocial behaviour and attitudes during middle and late adolescence.

Key-words: School dropout; Antisocial behaviour; Portuguese adolescents.